

**VERBOS IRREGULARES:
PADRÕES DE MORFOLOGIA NÃO CONCATENATIVA**

Vítor de Moura Vivas (IFRJ/UFRJ)
vitorvivas@yahoo.com.br

RESUMO

Neste artigo, tentamos ilustrar padrões não concatenativos existentes em verbos irregulares do português. Para isso, verificamos diferentes formas de raiz que ocorre em seis verbos ('pôr', 'ser', 'ter', 'ver', 'ir' e 'vir') e fundamentamos nossa análise em Bybee (1985) e Gonçalves (2005).

Palavras-chave: Verbo. Morfologia. Irregularidade.

1. Introdução

Defendemos a ideia de que mudanças no radical têm, em geral contraparte semântica (BYBEE, 1985; GONÇALVES, 2005). Nos verbos, modificações no radical tendem a informar conteúdos de modo-tempo-aspecto ou número-pessoa e evidenciam que a flexão verbal do português não se organiza apenas pela morfologia concatenativa, mas também através da não linearidade. Neste artigo, objetivamos demonstrar que há padrões formais nas irregularidades verbais presentes nos verbos que têm raízes completamente distintas de acordo com o tempo verbal. Analisamos seis verbos ('pôr', 'ser', 'ter', 'ver', 'ir' e 'vir') e demonstramos os padrões formais presentes nas diferentes formas de radical.

2. A fusão em língua portuguesa

Há, no português, estratégias para indicar noções gramaticais que concorrem ou coocorrem com as marcas aditivas (sufixos flexionais). Como exemplos dessas estratégias, podemos destacar, entre outros expedientes formais, (a) ditongação na sílaba tônica do radical ('saiba'); (b) a mudança na consoante final do radical ('perco'); (c) a alternância vocálica na sílaba tônica do radical ('est/i/ve' / 'est/e/ve'). Esses fenômenos não são exceções nem irregularidades, mas formas que a língua encontra ou para expressar uma noção quando não há um afixo isolável ('tive') ou para reforçar determinado conteúdo expresso por marca morfológica adicionada ao radical ('acudo').

Defendemos a ideia de que os referidos fenômenos são demonstrações claras da motivação entre forma e conteúdo nas estruturas morfológicas do português. Fundamentando-nos em Bybee (1985) e Gonçalves (2005), acreditamos que essas mudanças no radical do verbo são exemplos de um padrão ainda não sistematizado na língua: a fusão.

Bybee (1985) evidencia forte motivação entre forma e conteúdo na morfologia de línguas naturais, defendendo que a expressão de superfície de um vocábulo aponta graus de importância semântica entre afixos e bases. A ordem dos afixos, no interior de um verbo, revela a relevância semântica desses elementos para com o significado verbal. Quanto mais próximo do radical está um afixo, mais relevante semanticamente para o verbo é o conteúdo desse afixo. Não é por acaso que o sufixo de modo-tempo-aspecto preceda o de número-pessoa na morfologia do verbo.

Bybee (1985, p. 36) sistematiza o fenômeno fusão da seguinte maneira: “Conteúdos relevantes semanticamente tendem a se fundir no radical dos verbos. Desse modo, significados gramaticais relevantes tendem a aparecer expressos no radical dos verbos”.

Mudanças no radical verbal, muitas vezes, são reflexos de fusão de algum conteúdo gramatical. Verificamos, em português, fusão de conteúdos do afixo de modo-tempo-aspecto e do afixo de número-pessoa no radical do verbo. Comprovamos, na nossa dissertação de mestrado (VIVAS, 2011), que informações flexionais se manifestam morfológicamente não só pelo acréscimo de afixos, mas também por fusão (estratégia de morfologia não concatenativa). A expressão de pessoa ou de tempo gramatical, por exemplo, pode ocorrer através de mudança no radical do verbo.

3. Tipos de fusão

Gonçalves (2005, p. 143) afirma que a fusão se dá de três maneiras: “(1) o uso de raízes supletivas, (2) os casos em que o radical incorpora noções gramaticais ou, ainda, (3) a escolha do alomorfe flexional por classes morfológicas”. O segundo tipo consiste em casos de alternância vocálica, mudança consonantal, inserção consonantal, ditongação, mudança de vogal temática, haplogogia, estudados por nós no mestrado (VIVAS, 2011). Verificamos, na nossa pesquisa, exemplos claros em que radicais incorporam noções gramaticais, quer de tempo, quer de número-pessoa.

O terceiro caso pode ser exemplificado em português pelo uso de ‘-va’ em verbos de 1ª conjugação e de ‘-ia’ em verbos de 2ª e 3ª na indicação de pretérito imperfeito. Esse tipo de fusão não foi analisado nesta dissertação, porque nos focamos nas mudanças ocorridas na base por influência de conteúdos gramaticais e não nas mudanças no afixo condicionadas pela base.

4. Verbos irregulares: exemplos de fusão levada às últimas consequências

O primeiro caso citado por Gonçalves (2005) consiste na existência de raízes totalmente diferentes na expressão de categorias gramaticais distintas. Há, segundo Gonçalves (2005), para o verbo ‘pôr’, as raízes ‘/puN/’, que expressa pretérito imperfeito; ‘/poN/’, que sempre expressa presente, ocorrendo nos tempos presente do indicativo, presente do subjuntivo e nos imperativos; ‘/poR/’, que veicula a noção de futuro ocorrendo no futuro do presente e no futuro do pretérito e ‘/puS/’, que aparece nos tempos pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo e futuro do subjuntivo¹¹⁷.

O verbo ‘pôr’, assim como o ‘ter’, evidencia que, no paradigma verbal, a existência de vários casos de radical que incorpora noções gramaticais por processos fonológicos (acréscimo consonantal: ‘/poR/’, ‘/poN/’ ou acréscimo consonantal e alternância vocálica: ‘/puN/’, ‘/puS/’) leva à ocorrência de formas supletivas. Em outras palavras, defendemos a ideia de que o segundo caso de fusão citado por Gonçalves (2005, p. 143), quando ocorre com frequência na conjugação de um verbo, pode ocasionar a fusão por formas supletivas.

Gonçalves (2005) detalha a fusão por raízes supletivas em verbos, mas não explicita muitos casos desse tipo de fusão, porque tem como foco os nomes. Tentaremos descrever, neste artigo, outros casos dessa fusão, também chamada pelo autor de *fusão levada às últimas consequências*.

¹¹⁷ Defendemos a ideia de que ‘puser’ é a forma que marca, atualmente, futuro do subjuntivo, visto que ocorre em todas as pessoas do paradigma. Assim, o falante reconhece essa forma como de futuro diferenciando-a da forma pu/S/ que marca a noção de pretérito.

5. *Evidenciando padrões em verbos irregulares: o uso de raízes supletivas*

Nossa descrição será bastante resumida; temos a intenção de demonstrar que há padrões formais nos chamados verbos irregulares. O verbo ‘ser’ é um excelente exemplo para casos de *fusão levada às últimas conseqüências*, como verificamos abaixo no paradigma flexional atual para o presente do indicativo:

(52)

Eu	<i>sou</i>
Você ~ Tu	<i>é ~ és</i>
Ele	<i>é</i>
Nós ~ A gente	<i>somos ~ é</i>
Vocês	<i>são</i>
Eles	<i>são</i>

O presente do indicativo tem formas de raízes específicas: ‘sou’, ‘so’, ‘são’ e ‘é’, como evidenciam nossos grifos. Veja-se, a seguir, a conjugação de ‘ser’ no pretérito mais-que-perfeito, no pretérito perfeito do indicativo e no imperfeito do subjuntivo, respectivamente:

(53)

Eu	<i>fora</i>
Você ~ Tu	<i>fora ~ foras</i>
Ele	<i>fora</i>
Nós ~ A gente	<i>fôramos ~ fora</i>
Vocês	<i>foram</i>
Eles	<i>foram</i>

(54)

Eu	<i>fui</i> ¹¹⁸
Você ~ Tu	<i>foi ~ foste</i>
Ele	<i>foi</i>
Nós ~ A gente	<i>fomos ~ foi</i>
Vocês	<i>foram</i>
Eles	<i>foram</i>

(55)

Eu	<i>fosse</i>
----	--------------

¹¹⁸ Descrevemos apenas ‘fu-’ como a forma de radical, visto que ‘-i’ é considerado o afixo número-pessoal de P1 no pretérito perfeito do indicativo pela literatura morfológica.

Você ~ Tu	<i>fosse ~ fosseis</i>
Ele	<i>fosse</i>
Nós ~ A gente	<i>fôssemos ~ fosse</i>
Vocês	<i>fôssem</i>
Eles	<i>fôssem</i>

Para os tempos que expressam pretérito, também há formas específicas: ‘fo-’, ‘fu-’, ‘foi’; ‘fo-’ ocorre nos tempos pretérito mais-que-perfeito do indicativo; pretérito imperfeito do subjuntivo. Já ‘foi’ e ‘fu’ são utilizadas apenas no pretérito perfeito do indicativo. Para expressar futuro, há a forma ‘se/R/’. Apesar de sabermos que a vibrante não faz parte do radical, sendo, na verdade, o primeiro segmento dos afixos de futuro do presente e do pretérito, defendemos a hipótese de que o que marca futuro é a forma ‘se/R/’, porque acreditamos que a vibrante auxilie o falante no reconhecimento de tempo futuro e na distinção com relação à forma ‘sê’, de tempo presente. Abaixo, verificamos a conjugação do verbo ‘ser’ no futuro do presente e no futuro do pretérito:

(56)

Eu	<i>serei</i>
Você ~ Tu	<i>será ~ serás</i>
Ele	<i>será</i>
Nós ~ A gente	<i>seremos</i>
Vocês	<i>sereis</i>
Eles	<i>serão</i>

(57)

Eu	<i>seria</i>
Você ~ Tu	<i>seria ~ serias</i>
Ele	<i>seria</i>
Nós ~ A gente	<i>seríamos ~ seria</i>
Vocês	<i>seriam</i>
Eles	<i>seriam</i>

Nas formas verbais do imperativo e do presente do subjuntivo, a forma ‘seja’ ocorre na maior parte do paradigma alternando com ‘sê’, realizada apenas na P2 do imperativo afirmativo. Observem-se abaixo as conjugações do presente do subjuntivo, imperativo negativo e imperativo afirmativo, respectivamente:

(58)

Eu	<i>seja</i>
Você ~ Tu	<i>seja ~ sejam</i>
Ele	<i>seja</i>

Nós ~ A gente	<i>sejamos ~ seja</i>
Vocês	<i>sejam</i>
Eles	<i>sejam</i>

(59)

Você ~ tu	não <i>seja</i> ~ não <i>sejas</i> tu
Nós	não <i>sejamos</i>
Vocês	não <i>sejam</i>

(60)

Você ~ tu	<i>seja ~ sê</i>
Nós	<i>sejamos</i>
Vocês	<i>sejam</i>

Como apontam Illari & Basso (2009, p. 169), na maior parte do Brasil, ‘você’ é o pronome de P2:

Há, no total, em PB, três formas de expressar a segunda pessoa: (i) pronome tu + verbo de segunda pessoa: tu és / tu vais; (ii) pronome tu + verbo de terceira pessoa: tu é / tu vai; (iii) pronome você e verbo de terceira pessoa: você é / você vai. Uma ou outra das duas primeiras soluções prevalece conforme a região nos três estados da região Sul. Na fala carioca, encontramos a segunda e a terceira. Nas regiões Norte e Nordeste, também encontramos (i) e (ii). A solução com você + verbo de terceira pessoa prevalece no restante do país.

Nas variedades em que prevalecem as estratégias (ii) e (iii), só há uma forma de radical: ‘seja’, para o verbo ‘ser’, no presente do subjuntivo e nos imperativos, pois a P2 do imperativo afirmativo fica da seguinte maneira: (i) ‘seja você’ ou (ii) ‘seja tu’. Veja-se, por fim, o paradigma do futuro do subjuntivo:

(61)

Eu	<i>for</i>
Você ~ Tu	<i>for ~ fores</i>
Ele	<i>for</i>
Nós ~ A gente	<i>formos ~ for</i>
Vocês	<i>forem</i>
Eles	<i>forem</i>

A forma ‘fo/R/’ marca a noção de futuro do subjuntivo. O falante do português, ao ouvir essa sequência, reconhece a noção temporal expressa. O verbo ‘ter’ é outro exemplo de fusão por raízes supletivas; nesse verbo, os conteúdos amalgamados são os mesmos do verbo ‘pôr’:

(62)

(i) ‘**te/N/**’: ocorre nos tempos que expressam presente: presente,

dos modos indicativo e subjuntivo, e imperativo;

(ii) **'ti/N/'**: forma de radical do pretérito imperfeito do indicativo;

(iii) **'tiv'**: formas de radical dos tempos pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Na P3 do pretérito perfeito, ocorre 'teve';

(iv) **'tve/R/'**: forma que marca o futuro do subjuntivo. Defendemos ser esta forma que marca futuro do subjuntivo, mesmo sabendo, que, historicamente, a forma de radical é 'tiv-'. Acreditamos que o falante, hoje em dia, distingue, em sua gramática internalizada, 'tiv-', expressando passado e 'tve/R/', indicando futuro do subjuntivo. Acreditamos na hipótese de que conteúdos diferentes costumam ter expressões formais também diferentes;

(v) **'te/R/'**: forma que marca futuro do presente e do futuro do pretérito.

No verbo 'ver', a fusão ocorre da seguinte forma: 'vej-' indica tempo presente, ocorrendo no presente do indicativo, no presente do subjuntivo e nos imperativos. Essa forma alterna com 've' (**vês, vê, veem**). Os tempos que expressam pretérito (pretérito imperfeito do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo) têm uma forma de radical específica, 'vi-', o que mostra que a noção de tempo passado é amalgamada na conjugação verbal do verbo 'ver'.

No futuro do presente e no futuro do pretérito, ocorre a forma 've/R/'. Mesmo sabendo que o segmento 'r' faz parte das desinências '-re', '-ra' (futuro do presente) e '-ria', '-rie' (futuro do pretérito), formalizamos 've/R/' indicando futuro, assim como Gonçalves faz com o verbo 'pôr'. Como o falante sempre verifica a realização da vibrante em todo o paradigma verbal do português, esse segmento passa a auxiliar na expressão de futuro. Já no futuro do subjuntivo, a forma é 'vi/R/'.

Todos os casos de *fusão levada às últimas consequências* demonstrados são de 2ª conjugação. Na 3ª, há dois verbos que também passam por esse tipo de fusão: 'ir' e 'vir'. O verbo 'ir' apresenta, nos tempos que indicam presente, as formas 'vou', 'vai', 'va-' e 'vão', sendo que 'vou' só ocorre no presente do indicativo. No pretérito imperfeito do indicativo, ocorre a forma 'ia', o que demonstra ser a noção desse tempo amalgamada ao radical.

Os outros tempos que expressam passado (pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo e pretérito perfeito do indicativo) apresentam as formas de radical ‘fo-’, ‘foi’ e ‘fu-’, sendo que a última só ocorre na P1 do pretérito perfeito do indicativo. Nos tempos que expressam futuro, é realizada a forma ‘i/R/’: ‘irei’, ‘irá’; ‘iria’, ‘iríamos’; já a noção de futuro do subjuntivo é marcada pela forma ‘fo/R/’.

No verbo ‘vir’, verificamos fusão de presente através da forma ‘ve/N/-’ no presente do indicativo, no imperativo e no presente do subjuntivo. O futuro do presente e o futuro do pretérito são marcados por ‘vi/R/’: ‘virei’, ‘virá’; ‘viria’, ‘viríamos’. No pretérito imperfeito do indicativo, ocorre ‘vi/N/’, forma que também ocorre na P1 do pretérito perfeito do indicativo. A noção de pretérito ainda é amalgamada nos tempos pretérito perfeito do indicativo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo por ‘vie-’. A forma ‘veio’, que ocorre na P3 do pretérito perfeito, amalgama os conteúdos *pretérito perfeito + indicativo + P3*. A noção de futuro do subjuntivo é marcada pela forma ‘vie/R/’.

6. Considerações finais

Os seis casos de fusão por raízes supletivas explicitados neste artigo – ‘pôr’, ‘ser’, ‘ter’, ‘ver’, ‘ir’ e ‘vir’ – são exemplos de verbos monossilábicos. Defendemos a ideia de que a *fusão levada às últimas consequências* só ocorre com formas infinitivas monossilábicas, o que reforça a uma hipótese defendida por Gonçalves: quanto menor uma forma, maior a probabilidade de haver distinção formal, já que a aplicação de afixos a um monossílabo torna muito provável a ocorrência de uma grande alteração formal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZUAGA, Luísa. Morfologia. In: FARIA, I. H., PEDRO, Emília Ribeiro, DUARTE, I., GOUVEIA, Carlos A. M. *Introdução à linguística geral e portuguesa*. 1 ed. Lisboa: Caminho, 1996, cap. 5.

BORBA, Sônia Costa. *O aspecto em português*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between meaning*

- and form. 1. ed. Amsterdam/Philadelphia: John Publishing Company, 1985, v. 9.
- CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à linguística*. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1982.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de morfologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1991.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2005.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. Das relações entre forma e conteúdo nas estruturas morfológicas do português. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários Diadorim*. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, UFRJ, p. 27-55, 2008.
- GREENBERG, Joseph. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. 1 ed. In: GREENBERG, J. *Universals of language*. Cambridge: MIT Press, 1963.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2007.
- KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez de. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- LAROCA, Maria de Nazaré Carvalho. *Manual de morfologia do português*. 1. ed. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.
- LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. 1. ed. *Lições de morfologia de língua portuguesa*. Jacobina: Tipô-Carimbos, 2003.
- MIRA MATEUS *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 1. ed. Coimbra: Almedina, 1983.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni Petter. *Morfologia*. In: FIORIN, Jo-

- sé Luiz. *Introdução à linguística: II princípios de análise*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2003, cap. 4.
- REIS, Otelo. *Breviário de Conjugação verbal*. 41. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. 1. ed. Porto: Porto Editora, 1998.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- ROCHA LIMA, Luiz. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- SANDALO, Maria Filomena Spatti. Morfologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000, v. 1, cap. 5.
- SANDMANN, Antônio José. *Morfologia geral*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- SAPIR, Edward. *Language*. 1. ed. New York: Harcourt, Brace and World, 1921.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português*. 1. ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1981.
- VILLALVA, Ana. Estrutura morfológica básica. In: MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003, cap. 22.
- VIVAS, Vítor de Moura. Relendo as categorias verbais. *XIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, 2009, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.
- VIVAS, Vítor de Moura. A alternância vocálica no português: regularidade e sistematização. *Cadernos do NEMP*, vol. 1, n. 1, p. 33-44, 2010.
- VIVAS, Vítor de Moura. *Novos enfoques sobre a flexão verbal em português: abordagem formal e semântica do mecanismo fusão*. Dissertação de mestrado. 2011. Faculdade de Letras / UFRJ. Rio de Janeiro.
- ZANNOTO, Normelio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna; Caxias do Sul: Educs, 2006.